

MAGDA SZABÓ

PRÉMIO FEMINA

A PORTA



cavalos de ferro

A porta

Raramente sonho. Se acontece, acordo sobressaltada, banhada em suor. Então, estico-me, espero que o coração serene e devaneio sobre o poder mágico, irresistível, da noite. Na infância ou na juventude, não tinha nem bons nem maus sonhos, só a velhice arrasta os aluviões do passado em massa cada vez mais compacta, num terror petrificado e tanto mais alarmante quanto mais tenso e trágico, como jamais vivi, pois, na realidade, acordar assim a gritar, isso comigo nunca aconteceu.

Os meus sonhos são visões que retornam, absolutamente idênticas: eu tenho sempre o mesmo sonho. Estou à entrada do nosso prédio, ao fundo das escadas, atrás do portão, em vidro armado inexpugnável, reforçado por uma armação de ferro, e tento abrir a fechadura. Lá fora, na rua, há uma ambulância, e, através dos vidros, são fluidas as silhuetas dos enfermeiros, de um tamanho sobrenatural, seus rostos inchados rodeiam-se de um halo, como a Lua. A chave roda. Mas debato-me em vão, não consigo abrir a porta, e, contudo, tenho de fazer entrar as ambulâncias, ou vão chegar tarde ao doente. Claro, a fechadura nem dá de si, e assim fica a porta, como se estivesse soldada à armação de ferro. Grito por socorro, mas nenhum morador dos três pisos me presta atenção, nem sequer poderia, pois – dou-me conta – limito-me a mexer os lábios, sem um som, como um peixe, e o pânico atinge o auge quando percebo que não somente não posso abrir a porta aos socorristas, como ainda fiquei muda. É nesse instante que o meu grito de terror me acorda, acendo a luz, procuro combater a asfixia

que se apodera de mim após este sonho, rodeada pela mobília de quarto que tão bem conhecia, e, por cima da nossa cama, a iconografia familiar, os meus antepassados parricidas, com dólmanes bordados, à maneira do barroco húngaro ou Biedermeier, os meus avós, que tudo vêem, e tudo compreendem, únicos que sabem quantas vezes corri de noite a abrir a porta aos primeiros-socorros, às ambulâncias, quantas vezes imaginei o que aconteceria, enquanto, através da porta fechada, se ouvia o frufulhar da ramagem ou os passos silenciosos dos gatos, em vez do ruído conhecido das ruas silenciosas durante o dia, se alguma vez lutasse em vão com uma chave, e não desse a volta.

Os retratos sabem tudo, sobretudo o que prefiro esquecer, o que já não é sonho. Pois só uma vez, na minha vida, uma única vez, na realidade, e não no estado de fraqueza cerebral devida ao sono, uma porta se abriu diante de mim, que não deveria ter aberto quem se resguardava na sua solidão e na sua miséria impotente, mesmo se o tecto ardente crepitava já sobre a sua cabeça. Só eu tinha poder para fazer funcionar essa fechadura: quem rodava a chave confiava mais em mim do que em Deus, e eu, nesse instante fatal, julgava ser Deus, sábia, ponderada, boa e racional. Estávamos ambas erradas, ela, porque acreditava em mim, e eu, porque tinha fé excessiva em mim. Agora, também já não importava, porque não se podia reparar o que acontecera. Pois que venham, de tempos a tempos, essas Eríneas de alto coturno em sapatos confortáveis, máscara trágica sob a touca de enfermeiras, e rodeiem a minha cama, brandindo as espadas de duplo fio que são os meus sonhos. Eu espero-as, todas as noites, ao apagar a luz, e preparo-me para, no meu sono, ouvir retinir a campainha que faz avançar horror inominável para a porta que não abrirá jamais.

A minha religião não conhece a confissão individual, são as palavras do nosso pastor que nos asseveram sermos pecadores, votados à condenação, porque pecámos, de todos os modos, contra os mandamentos. Recebemos, assim, a absolvição, sem que Deus exija de nós explicações ou pormenores.

Dou-os eu, agora.

Não redigi este livro para Deus, que conhece as minhas entranhas, nem para as sombras, testemunhas que são de tudo, e me vigiam a cada instante, nas horas acordadas e dormindo, mas para os homens. Vivi, até hoje, corajosamente, e assim espero morrer, corajosamente e sem mentir, mas, por isso mesmo, na condição de dizer: eu matei Emerence. E pouco muda que eu não quisesse destruí-la, mas salvá-la.

O contrato

Quando conversámos pela primeira vez, gostaria de ter visto o seu rosto, e fiquei incomodada que não o tivesse permitido. Estava ali à minha frente, como uma estátua, imóvel, sem ser defensiva, antes um tudo-nada distendida, eu mal entrevia a sua frente, e não sabia, então, que só no leito da morte iria vê-la sem lenço na cabeça, trazia sempre um véu, como uma católica muito fervorosa ou uma judia ao sábado, cuja fé proíbe que se apresentem de cabeça descoberta diante do Senhor. Era um desses dias de Verão em que não há razão nenhuma para nos protegemos, estávamos no jardim sob um crepúsculo tingido de roxo, e ela não se sentia à vontade entre as rosas. Pressentimos que flor seria cada um de nós, se tivéssemos nascido flor: ela, seguramente, não seria a rosa, rosa que, na sua explosão quase impudica de carmim, nada tem de inocente. Que não seria a flor de Emerence, isso pressenti logo, mas nada sabia ainda acerca dela, e muito menos, pois, qual ela teria sido.

O lenço, que assim lhe cobria a cabeça, lançava sombras sobre os olhos, cujas íris eram azuis. Teria gostado de saber como era o cabelo, mas ela escondeu-o sempre, enquanto foi igual a si mesma. Vivemos momentos importantes nesse fim de tarde, pois tínhamos de decidir se nos podíamos aceitar mutuamente. Nós morávamos, há duas semanas, num apartamento novo, bem maior do que o antigo, de uma divisão, onde eu não precisava de ajuda para fazer a limpeza, mas a minha carreira, parada há dez anos, tomara outra direcção, e aqui, nesta nova morada, tornara-me escritora a tempo inteiro, com possibilidades acrescidas e inúmeras solicitações,

que ora me prendiam à secretária, ora me chamavam do exterior. Eis porque estava, agora, no jardim diante desta silenciosa e velha senhora, sendo certo que, se ninguém me substituísse nos trabalhos domésticos, eu não estaria em condições de publicar o que era produto de anos de silêncio, nem de instilar vida ao que ainda queria dizer. Quando fizemos a mudança das estantes dos livros e dos móveis estragados, que requeriam algum cuidado, comecei logo à procura de alguém que me ajudasse em casa. Perguntei a todos os conhecidos do bairro e, por último, uma antiga colega de turma tirou-me de cuidados, dizendo que a irmã empregava há muitos, muitos anos uma velha senhora, com mais capacidade do que qualquer jovem, que recomendaria com prazer, se ela ainda tivesse tempo para nós. Garantia-nos que não pegava fogo à casa com cigarros, nem metia lá homens, nem roubava, e que, pelo contrário, era capaz de levar coisas, porque gostava imenso de dar presentes. Nunca casara, nem tinha filhos, só um sobrinho vinha vê-la regularmente, e um graduado da polícia, pelo que todos a consideravam no bairro. Falou dela com calor e respeito, acrescentou que Emerence era igualmente porteira, uma personagem quase oficial, pois, e esperava que ela nos aceitasse, pois, se não lhe caíssemos no goto, não era por dinheiro que se encarregava do trabalho.

O negócio, à partida, não foi muito animador, nem a própria Emerence se mostrou amável, quando fui convidá-la para uma pequena conversa em nossa casa. Encontrei-a no pátio do prédio onde era porteira – vivia muito perto de nós, e tanto, que, da nossa varanda, podia ver o seu apartamento. Fazia uma barrela extraordinária, mesmo à maneira antiga, rodeada de vapor, fervendo a roupa de cama numa caldeira enorme sobre fogareiro, e levantando os lençóis com uma colher enorme de madeira, numa canícula atroz. O fogo rompia à sua volta, era alta, ossuda, poderosa, mau grado a idade, qual Valquíria, e o lenço na cabeça tinha a forma de um capacete de guerreiro. Aceitou ir ter connosco, razão pela qual nos encontrámos nesse fim de tarde no jardim. Em silêncio, prestava atenção ao que lhe dizia, o que seria preciso fazer em casa, e, enquanto assim falava, veio-me à ideia que eu nunca teria acreditado

num escritor que, num grande romance do século passado, tivesse apresentado o rosto de alguém como um lago. Envergonhei-me, como sempre que me atrevo a pôr em causa os clássicos: simplesmente, o rosto de Emerence não podia ser senão comparado a um espelho liso de água matinal. Eu não sabia até que ponto lhe interessava a minha proposta, ela não precisava de trabalho, nem de dinheiro, o que bem se percebia nela, mas, para mim, era terrivelmente importante que aceitasse, e ali estava esse rosto, que por largo tempo nada traiu, como espelho de lago na sombra de lenço evocando um acessório ritual. Emerence nem sequer levantou a cabeça, quando, finalmente, respondeu: havia uma possibilidade, que devíamos voltar a falar, porque uma das casas em que trabalhava tornara-se-lhe insuportável, marido e mulher eram uns bêbedos, o filho mais velho era um depravado, já não os aguentava. Se alguém nos recomendasse e lhe garantisse que, em nossa casa, não havia bêbedos, nem cabeça esquentada, podia ser que sim. Abismada, eu ouvia, era a primeira vez que alguém exigia referências nossas.

– Não lavo a roupa suja de qualquer um – disse Emerence.

Possuía uma voz clara, de autêntico soprano. Devia viver há muito na capital, pois, se eu não tivesse estudado linguística, nada me faria pensar, pela maneira como pronunciava as vogais, que provínhamos da mesma região. Perguntei-lhe se, afinal, também era de Hajdu, julgando que a minha pergunta lhe daria prazer, mas limitou-se a acenar que sim, vinha de perto da capital, de Nádori, mais exactamente, de Csabadul, uma aldeia pegada a Nádori, mas logo mudou de assunto, querendo significar que não desejava demorar-se com tais perguntas. Tal como em relação a tantas coisas, só muitos anos mais tarde percebi que ela considerava a pergunta indiscreta e inoportuna, que não fazia parte dos seus hábitos lembrar-se. Emerence não estudara Heraclito e, no entanto, sabia mais do que eu, digo isto porque, sempre que podia, eu voltava à minha cidade natal em busca do que desaparecera para sempre, a sombra das casas que se estendera, outrora, sobre o meu rosto, o lar antigo que abandonara, e, naturalmente, não encontrava nada, onde é que já vai esse rio em cujas águas revolteiam os estilhaços da minha

vida... Emerence era demasiado sábia para tentar o impossível, reservava as energias para o que, no futuro, pudesse ainda fazer pelo seu passado, mas, claro está, tudo isso eu havia de perceber muito tarde.

Nesse dia, ao ouvir pela primeira vez estes dois nomes, Nádori e Csabadul, só pressenti que não eram mesmo para pronunciar, que por uma qualquer razão esses dois nomes eram tabu. Pois se assim é, falemos, então, de coisas concretas. Julguei que acertaríamos o preço à hora, que mais lhe deveria interessar, mas ela não queria decidir logo ali, acrescentou, e que lhe pagaríamos quando formasse uma opinião sobre nós, e soubesse a que ponto éramos negligentes, desordenados, e que trabalho havia para fazer. Esforçar-se-ia por recolher informações sobre nós – não da minha colega de turma, porque seria parcial –, e daria uma resposta, mesmo em caso negativo. Fiquei a olhar para ela, quando partiu e, por momentos, tive a tentação de a chamar, pois ocorreu-me que esta velha senhora era tão estranha que seria melhor para todos se não aceitasse o trabalho, ainda não era tarde, eu gritar-lhe-ia que o assunto não era premente. Não gritei. Emerence voltou uma breve semana depois, no entretanto, claro, cruzámo-nos várias vezes na rua, mas ela só saudava e passava por nós como quem não deseja precipitar uma decisão, mostrar-se insensata e fechar a porta que ainda não se abriu. Quando tocou à campainha, notei que vestia a sua melhor roupa, e logo entendi o que significava essa apresentação, remexendo-se toda, perturbada no difuso vestido em banhos de sol. Trazia um vestido preto, com mangas compridas, de tecido fino, sapatos envernizados, e, como se retomasse a conversa onde a deixáramos, informou que começava a trabalhar no dia seguinte e que, até ao fim do mês, estaria em condições de dizer que salário ia pedir. Enquanto isso, fixava, severa, os meus ombros desnudos, no mínimo, eu já me dava por satisfeita por não encontrar nada que dizer do meu marido, que veste fato e põe gravata com trinta graus, nem sequer a canícula lhe alterava hábitos adquiridos em Inglaterra antes da guerra. Comparados comigo, ambos se vestiam como se quisessem servir de exemplo a uma tribo primitiva a que eu pertencesse

e que somente eles poderiam perceber, inculcando-lhe respeito pelos sinais exteriores da dignidade humana. Se havia alguém neste mundo a quem o meu marido se parecesse tanto no tocante a certas normas era Emerence, razão pela qual não puderam, durante muito tempo, sentir-se verdadeiramente próximos um do outro.

A velha senhora apertou a mão aos dois, de resto, quando queria tocar-lhe, não conseguia, ou, se fazia um gesto para ela, afastava ela a minha mão, como se batesse numa mosca, e nessa noite, pois, não *entrava ao serviço*, o que não era digno, nem recomendável: Emerence *alistava-se*. Despediu-se assim do meu marido, de longe:

– Desejo boa noite ao patrão.

Ele só olhava, pois não havia pessoa no orbe terráqueo a quem o soberbo vocábulo conviesse menos. Aliás, até ao fim da vida, foi assim que lhe chamou, e o meu marido demorou o seu tempo a acostumar-se ao novo nome, e a responder.

Nenhum acordo determinou o tempo que Emerence passaria em nossa casa, nem as horas a que tinha de chegar. Podia acontecer não a vermos durante o dia, e, quando não vinha, aparecia-nos às onze da noite, mas arrumava a cozinha e a despensa até de manhã, e podia acontecer que a casa de banho estivesse um dia e meio sem utilização, porque ela deitara os tapetes para a banheira. Compensava os horários caprichosos com uma actividade incrível, pois esta velha senhora trabalhava como um robô, levantava sem especiais cuidados móveis aparentemente inamovíveis, tinham algo de sobre-humano, quase terrífico, a sua força de trabalho e a sua energia; quando, afinal, nem era necessário fazer tanto, Emerence desabrochava, a olhos vistos, no trabalho, gostava de trabalhar, não sabia como ocupar os tempos livres. Tudo o que ela fazia não tinha uma única falha, ia e vinha pelos cantos, silenciosa, longe de exprimir familiaridade, ou mostrar-se curiosa, mas evitando qualquer resposta inútil. Exigia-nos muito, mais do que eu imaginara, mas também ela dava muito. Se eu anunciava convidados, ou, inesperadamente, chegava alguém, perguntava se desejava que ela viesse

ajudar-me, mas eu recusava, na maioria dos casos, os seus serviços. Não gostaria nada que os meus amigos soubessem que eu não tinha nome, que ela só encontrou um para o meu marido, e que eu não era escritora, nem mulher, o que durou enquanto não me deu um lugar na sua vida, enquanto não descobriu o que eu era para ela, e como deveria chamar-me. Claro, também nisso ela tinha razão, sendo verdade que, sem paixão, é inexacta a definição de seja o que for.

Emerence, infelizmente, era perfeita sob todos os pontos de vista, e, às vezes, eu desanimava, quando, diante dos meus tímidos elogios, ela respondia bruscamente que não exigia um reconhecimento de cada instante, não tínhamos nada que a louvaminhar, ela tinha consciência do seu rendimento. Vestia sempre de cinzento, ou de preto, nos dias de festa e em ocasiões especiais protegia o vestido com um avental que mudava todos os dias, desprezava os lenços de papel, preferindo lenços de pano imaculados estalando de amido. Para mim, foi um verdadeiro prazer descobrir que também ela tinha as suas fraquezas, quando, por exemplo, sem razão nenhuma, ficava em silêncio o dia inteiro, por mais que lhe perguntasse, e, ouvindo trovejar, me rendesse à evidência: ela tinha medo das tempestades. Quando a borrasca começava, deixava cair o que tivesse nas mãos e, sem uma explicação, precipitava-se para casa, onde se refugiava. É uma velha senhora, não deixa de ter as suas manias – confiava ao meu marido, que abanava a cabeça. Este terror é mais, e também menos, do que mania, dizia ele. Existe, certamente, uma razão, só que nada tem que ver connosco – mas, vejamos, alguma vez ela revelou o que, na realidade, lhe diz respeito? Se bem me lembro, nunca; Emerence não é faladora.

Trabalhava para nós há mais de um ano, quando quis pedir-lhe que recebesse uma encomenda que me era dirigida, numa tarde em que o meu marido estava nos exames e era o único dia em que eu podia ter consulta no dentista. Afixei um aviso na porta, para que o carteiro soubesse a quem dirigir-se na nossa ausência, e corri a casa de Emerence, a quem me esquecera de dar o recado enquanto fazia

a limpeza, tinha acabado nesse preciso instante, devia ter chegado a casa uns minutos antes. Quando bati à porta, nada buliu, mas ouvi remexer brasas lá dentro, e o facto de a maçaneta se manter imóvel nada tinha de invulgar, ninguém vira jamais Emerence abrir a porta, ainda que lho suplicassem; uma vez chegada a casa, aferrolhava-se, ao que já todos se tinham habituado no bairro. Gritei-lhe que se despachasse, porque precisava de ir embora e queria pedir-lhe um favor; invariavelmente, o silêncio respondia à minha voz, mas, quando puxei a maçaneta, abriu-se tão bruscamente que tive medo de ir contra ela. Puxando atrás de si a porta, berrou que não a incomodasse depois do trabalho, que isso não estava incluído no salário. Ali fiquei, envergonhada, e corando dos pés à cabeça, por uma gritaria bizarra, que nada justificava: pois, se, por uma qualquer razão obscura, ela se sentia ofendida por ter vindo ao seu encontro nos seus domínios, podia tê-lo dito mais calmamente. Gaguejei o que queria, nem me respondeu, mas ali estava, diante de mim, e olhando-me como se lhe tivesse espetado uma faca no braço. Bom. Despedi-me, delicadamente, regressei a casa, telefonei ao dentista a desmarcar, o meu marido já tinha saído, e fiquei à espera da encomenda. Nem tinha vontade de ler; andei às voltas no apartamento, imaginando que mal lhe fizera, porquê essa recusa violenta, de propósito insultuosa, que nem sequer correspondia ao carácter da velha senhora, cujo comportamento era, por vezes, de um formalismo incómodo.

Permaneci muito tempo sozinha. Para me estragar completamente o dia, a encomenda não chegou, esperara em vão, o meu marido também não regressou à hora habitual, ficou com os alunos após o exame, e folheava eu um álbum com reproduções, quando ouvi rodar a chave. Não ouvi a saudação que trocávamos entre nós, pelo que percebi não ser o meu marido: era Emerence, que não estava mesmo nada interessada em rever numa noite assim penosa. Bem se vê que acalmou — pensei —, e quer desculpar-se. Ora, Emerence não vinha ver-me, nem falar-me, ouvi-a na cozinha, ocupando-se em qualquer

coisa, logo a fechadura estalou, partira. Quando chegou o meu marido, e fui buscar o jantar do costume, dois copos de *kefir*, encontrei no frigorífico um prato de carne fria, coxas de frango temperadas e cortadas em fatias muito finas, reconstituídas com uma arte de cirurgião. No dia seguinte, agradei a Emerence pelo festim de reconciliação e devolvi-lhe o prato limpo, sem que dissesse não tem de quê, ou o prazer foi meu, mas negou ter cortado o frango, e não quis o prato de volta, que ainda tenho comigo. Por um telefonema que fiz mais tarde, perguntando pela encomenda que não recebera, soube que perdera toda a tarde em casa para nada, a encomenda estava na despensa, na prateleira de baixo, viera com o frango, porque ela estivera de vigia diante da porta, transmitira textualmente ao carteiro a minha mensagem, trouxera-a sem me dizer nada, voltando, depois, para casa. Foi um episódio importante das nossas vidas, porque, desde aí, fiquei definitivamente convicta de que a velha senhora não regulava bem, que devíamos levar em consideração, doravante, o singular funcionamento do seu espírito.

Muitas coisas reforçaram esta convicção, em particular essa informação, que me chegou de um empregado do gás, considerado no bairro um artista de génio, e que dedicava o tempo livre a fazer uns biscates, segundo a qual, desde que ele ali vivia, há uma eternidade, nunca ninguém se aproximara do apartamento de Emerence, porque jamais recebia convidados e levava a mal que a chamassem do exterior, sem se fazerem anunciar. Fechava o gato lá dentro, que não deixava passear, com o animal sempre a miar, mas era impossível ver o que se passava lá dentro, porque todas as janelas eram fechadas por portadas, que nunca se abriam. Além do gato, quem pudera dizer o que guardava lá dentro, embora – se, na realidade, possui objectos de valor – a maneira acertada não fosse fechar-se, pois, assim, qualquer um vai pensar que esconde coisas interessantes e, um dia, ainda vêm assaltá-la. Não saía da zona, no máximo acompanhava o enterro de algum conhecido, até à última morada, mas apressava-se a voltar para casa, como se vivesse num perigo permanente. Não tínhamos nada que nos ofender, se não podíamos franquear a sua entrada: a própria família, o filho do irmão Józsi

e o tenente-coronel, recebia-os, fizesse calor ou frio, à porta, há muito que lhes dera a entender que também eles não podiam entrar, com o que sofrem, mas habituaram-se.

Estas palavras deixaram-me entrever um quadro suficientemente terrível, e que me deixou ainda mais inquieta. Como é possível viver num isolamento destes? E porque não deixa sair o animal, se é que o tem, quando o prédio é rodeado por um pedaço de jardim fechado? Na realidade, sempre a imaginei louca, até que uma das suas mais constantes admiradoras, Adélka, viúva do preparador de farmácia, me esclareceu, ao longo de uma comunicação exaustiva, de efeitos épicos: o primeiro gato de Emerence era um grande caçador, dizimara o efectivo de um inquilino columbófilo que se mudara durante a guerra, o qual encontrara a solução radical, porque, quando Emerence lhe explicou que o gato não era professor universitário, a ponto de se poder triunfar sobre ele por palavras, e que, infelizmente, era de sua natureza caçar, mesmo que se alimentasse bem, ele, sem lhe pedir que encerrasse o animal, apanhou o valoroso caçador e enforcou-o na maçaneta da porta de Emerence. Voltando a casa, a velha senhora estacou diante do cadáver já rígido, enquanto ele acrescentava, em termos formais: infelizmente, vira-se forçado a proteger, pelo modo que ele mesmo escolhera, o que constituía o seu ganha-pão e único alimento garantido da família.

Emerence não soltou uma palavra, desprendeu o gato do arame, porque o carrasco não se servira de corda, mas de arame, o cadáver do estupor era terrível, com a sua garganta escancarada, e a velha senhora sepultou-o no jardim, no túmulo do senhor Szloka, que ainda não fora inumado, o que, aliás, a faria sofrer, porque o assassino de gatos denunciou-a à polícia, caso que, felizmente, foi arquivado. Desta medida expedita não tirou quaisquer benefícios o columbófilo, nem pôde aborrecer-se mais com Emerence, para quem ele se tornara transparente, e, se havia alguma coisa oficial a parlamentar com ele, comunicava-lha pelo biscateiro, e, como se uma obscura solidariedade se virasse contra o dito, os pombos começaram a morrer uns atrás dos outros. Então, aí voltou de novo a polícia: o tenente-coronel, que vinha vê-la, ao tempo só ainda

era alferes. O criador de pombos fizera queixa de Emerence, acusada de envenená-los, mas, como se não encontrasse sinal de veneno no estômago dos pombos, o veterinário distrital concluiu que tinham sucumbido a um vírus desconhecido, de que outros pombos haviam morrido, pelo que era inútil inquietar a vizinha e as autoridades com essa história.

Uniu-se, então, o prédio contra o assassino de gatos, e o casal mais respeitado, os Brodarics, fez queixa à assembleia de freguesia contra os intérmios arrulhos que lhes estragavam as manhãs logo bem cedo; o biscateiro declarou que os pombos lhe sujavam a varanda; a senhora engenheira queixou-se de alergias. A assembleia de freguesia não obrigou o columbófilo a abater o efectivo, mas deixou um aviso; o prédio mostrou-se desiludido, porque desejava que o gato de Emerence fosse vingado com uma verdadeira sanção.

O que sobreveio: o carrasco sofreu repetidas perdas, foi à procura de novas aves, que sucumbiam de forma tão misteriosa como as antigas. Tentou, uma vez mais, apresentar queixa, mas o alferes nem se deu ao incómodo de fazer uma autópsia, além de o censurar duramente por sobrecarregar a polícia com essas velhacarias, pelo que aprendeu a lição, lançando imprecações, à entrada, contra Emerence, cujo novo gato executou, embora não fosse possível prová-lo, e mudou-se para a periferia. Tendo partido definitivamente, fez sofrer as autoridades com queixas sobre queixas contra a porteira. Emerence suportou estas impertinências com uma tal serenidade, uma tal sabedoria e humor que a assembleia de freguesia e a polícia passaram a gostar dela, e não deram seguimento a nenhuma queixa, já acostumados a que a velha senhora atraísse denúncias anónimas, como um pára-raios o relâmpago. A polícia abriu para Emerence um dossiê particular, onde foram classificados os diversos documentos, mas, quando chegava uma das famosas cartas, logo era rejeitada, num gesto de desdém, e não havia polícia, mesmo novato, que não reconhecesse o vocabulário e o estilo barroco do columbófilo. De vez em quando, um polícia vinha até casa dela, para um café e tagarelar com Emerence, o alferes entretanto promovido

a tenente-coronel habituou-se a apresentar-lhe os novos, Emerence preparava-lhes chouriço, crepes, aguardente, à vontade de cada um, os polícias da província matavam aí saudades das aldeias que tinham deixado, da avó, da família distante, nem sequer a incomodaram com revelar-lhe que também era acusada de ter matado e espoliado judeus durante a guerra, de ter sido uma espia americana, de ter destruído um emissor clandestino, de ser uma receptadora e esconder tesouros em casa. Na verdade, eu fiquei realmente sossegada com a narrativa de Adélka, sobretudo quando tive de ir à polícia por ter perdido o bilhete de identidade. Ia o tenente-coronel a atravessar a sala no momento em que eu prestava declarações, sobressaltou-se ao ouvir o meu nome, mandou-me sentar no seu gabinete, enquanto me faziam novos papéis. Eu estava convencida de que ele conhecia as minhas obras e que a isso se devia esta atenção particular, mas enganava-me. Ele não estava para outra coisa senão perguntar o que fazia Emerence, ouvira que trabalhava em nossa casa e mostrava interesse em saber se a filha do sobrinho, filho do irmão Józsi, já saíra do hospital. Eu nem sabia que tinha aquela filha. Julgo que, no princípio, eu tinha medo de Emerence.

Ocupou-se de nós durante mais de vinte anos, mas, nos cinco primeiros anos, teria sido possível medir com alguns instrumentos a margem de segurança que ela permitia ao deixar aproximar-nos dela. Eu sou sociável, gosto de falar com desconhecidos; Emerence só respondia o estritamente necessário, apressava-se para o trabalho, feito cuidadosamente, porque no seu programa havia sempre um número incontável de coisas a cumprir. Vivia as vinte e quatro horas do dia, e, embora não quisesse ninguém entre as suas quatro paredes, todas as notícias passavam por ela, o patamar do seu apartamento era como uma sala de telex, onde todos anunciavam o que sabiam, mortes, escândalos, notícias agradáveis, catástrofes. Tinha prazer em ocupar-se dos doentes: encontrava-a quase todos os dias na rua levando um prato coberto, recipiente que eu conhecia

pela forma, e aos que precisavam de comer algo de substancial, segundo corria na rua, oferecia generosas quantidades. Emerence sabia sempre onde precisavam dela, espalhava um brilho tal que as pessoas lhe faziam confidências, sem esperança alguma de receberem a sua confiança, pois sabiam que, em troca, só teriam lugares-comuns ou factos de todos conhecidos. A política não lhe interessava, a arte ainda menos, nada entendia de desporto; chegava-lhe, na rua, a história de alguma infidelidade, mas não ajuizava; do que mais gostava era de prever o tempo, porque a preparação de uma eventual excursão ao cemitério dependia de se anunciar, ou não, uma tempestade, que, como eu já disse, a deixava aterrada. Aliás, este determinava não somente o que poderíamos considerar a sua vida social, mas também o horário Outono-Inverno de Emerence, quando irrompiam verdadeiras tormentas e as condensações atmosféricas tiranizavam o seu tempo. Era ela quem varria a neve da frente de quase todos os prédios do bairro, já nem tinha tempo de ouvir rádio, só à noite ou de madrugada. Quando na rua, as estrelas indicavam-lhe o tempo que faria no dia seguinte, conhecia-as pelos nomes que os seus antepassados lhes haviam dado, a intensidade ou palor do seu brilho revelavam-lhe as mudanças do tempo, antes ainda do anúncio do boletim meteorológico. Uma das suas tarefas era varrer a neve da frente de onze prédios: quando ventava, agasalhava-se a ponto de ser irreconhecível, preocupava-se tanto com o seu corpo que se tornava uma gigantesca boneca de trapos, e, em vez dos sapatos brilhantes escovados, trazia botas de borracha; nos Invernos terríveis, iríamos imaginar que talvez Emerence nunca estivesse em casa, mas só na rua, e que nem se deitasse, como os outros mortais. E, de facto, assim era: Emerence nunca se deitava, mudava simplesmente de roupa, depois de se lavar; a cama não fazia parte do seu mobiliário, dormitava num canapé minúsculo, desses em voga, antigamente chamados *causeuses*. Dizia que, mal se deitava, uma espécie de fraqueza se apoderava dela, e só se sentia bem na posição de sentada, por causa das costas, que lhe doíam: se se deitasse, tinha vertigens; não precisava da cama.

Nas grandes nevadas, claro está, nem no canapé podia descansar, porque, ao acabar a quarta casa, já se formara novamente neve no passeio da primeira, e Emerence corria da primeira para a quarta nas suas grandes botas, com uma vassoura de bétula ainda maior do que ela. Habituarámo-nos a não a ver em nossa casa, nesses dias brancos, eu não lhe dizia nada, e para quê, Emerence possuía argumentos preparados e invencíveis: tínhamos um telhado por cima, a sua limpeza costumava ser bem-feita, esperássemos que ela tivesse tempo, havia de recuperar, além de que não me fazia mal curvar-me um pouco. Logo que a neve se humanizava, Emerence reaparecia, deixava a casa admiravelmente arrumada e, sem uma explicação, largava na mesa da cozinha um pedaço de assado ou um prato de bolos de mel, devendo eu compreender que estes alimentos significavam o mesmo que os pedaços de frango do tempo da sua primeira e inexplicável grosseria: foram bons, dizia o prato, como se ainda andássemos na escola e, em casa, ninguém fizesse dieta, os meninos pacientes, e bons, serão recompensados.

Como tanta vida encontrava lugar numa única existência, não sei, mas Emerence quase nunca se sentava, quando não tinha uma vassoura na mão, era seguro que se dirigia a algum lado com o seu prato protector, ou que procurava o dono de algum animal perdido, se não o encontrava, tentava colocar o filho perdido em casa de alguém, muitas vezes com êxito, e, se não, cão ou gato desapareciam subitamente das redondezas, como se nunca tivessem passado fome no meio da imundície. Trabalhava muito, em diversos lugares, ganhava muito, gorjetas, pelo contrário, nunca aceitava, fosse sob que forma fosse, o que até compreendo, mas nunca pude entender por que motivo ela recusava presentes. A velha senhora só gostava de dar; se lhe quiséssemos fazer uma surpresa, não sorria, mas encolerizava-se. Em vão tentei, durante anos e anos, na esperança de que, finalmente, aceitasse o que eu lhe oferecia, mas declarava-me, com rudeza, que o que fazia não era a pensar em gratificação extraordinária, e eu pegava de novo no envelope, muito magoada, o meu marido ria-se de mim, e dizia para não cortejar Emerence, que não me esforçasse por alterar uma situação já determinada, essa

sombra esquiva que, a horas impossíveis, naturalmente, e sem obedecer a regras, se ocupava de nós, e nem aceitava, sequer, uma chávena de café, sombra que lhe convinha às mil maravilhas. Emerence era um apoio ideal, e, se eu julgava o seu trabalho insuficiente, se queria estar de acordo com toda a gente, o problema era meu. Não foi fácil reconhecer que Emerence, como outros nessa época, se afastava de nós – não nos desejava entre os seus próximos.

Magda, jovem escritora impedida de publicar na Hungria comunista, é politicamente reabilitada pelo regime, alcançando, aos poucos, o merecido sucesso e reconhecimento social. Ao mudar-se para um apartamento maior, emprega Emerence, uma camponesa analfabeta, para a ajudar com as lides domésticas. Emerence é uma figura enigmática, respeitada e quase temida pela vizinhança, sobre a qual exerce uma autoridade natural, embora ninguém conheça verdadeiramente o seu passado ou vida privada. A inesperada doença do marido de Magda reforçará a ligação entre as duas mulheres, a ponto de Emerence abrir a porta de sua casa a Magda e revelar-lhe os segredos de um passado traumático, precipitando um final trágico na sua relação.

Elogiada pela crítica como «uma obra de arte profundamente política, enraizada na vida doméstica», escrita em tom confessional e vagamente autobiográfico, *A Porta* é uma das obras de maior sucesso internacional da literatura húngara contemporânea.

«Um dos mais belos romances do século xx.»

Ípsilon

«Um romance que altera o modo como entendemos a nossa própria vida.»

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897873294



9 789897 873294 >